

UMA NAÇÃO MODERNA SOB O OLHAR DE MONTEIRO LOBATO

THE MODERN NATION UNDER MONTEIRO LOBATO' LOOK

Michele de Oliveira Jimenez¹

Mauricio Cesar Menon²

JIMENEZ, M. O.; MENON, M. C. UMA NAÇÃO MODERNA SOB O OLHAR DE MONTEIRO LOBATO. *Akrópolis*, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 71-75, jan./mar. 2008.

RESUMO: Monteiro Lobato sempre foi um entusiasta em relação ao progresso e à modernidade. Isso muito se deve à viagem feita por ele aos Estados Unidos, país no qual reconheceu, já no começo do século XX, o projeto de uma grande nação. Nacionalista ao extremo, Lobato pensa em incentivar as autoridades brasileiras a pensarem também na projeção de um grande Brasil, rico e independente econômica e culturalmente. A maioria das tentativas não logrou êxito, pois esbarrou nos interesses escusos de uma minoria que sempre lucrou à custa da pobreza e da ignorância do povo. Os ideais, muitas vezes frustrados, todavia, permaneceram para sempre na construção de sua obra. O autor reproduz, em seus livros, seu espírito pragmático e o sonho de um dia ver seu país tão amado, desenvolvido e rico como os Estados Unidos. Para tanto, em algumas de suas obras ele estabelece um intercâmbio entre o país modelo e o Sítio de D. Benta, para que, dentro da República dos Picapauzinhos, a modernidade se desenvolva, fazendo com que o protótipo de Brasil prospere tanto e quanto o modelo que foi seguido. Lobato prova, desta maneira, que é possível que um país essencialmente agrícola, como era o Brasil de sua época, se desenvolva e se firme economicamente como um país de primeiro mundo, já que as inovações propostas por ele começam no campo, propriamente em um sítio.

PALAVRA-CHAVE: Modernidade; Desenvolvimento econômico; Protótipo de Brasil.

ABSTRACT: Monteiro Lobato was always an enthusiast in relation to progress and modernity due to his trip to the United States, country in which he recognized, yet in the beginning of the 20th Century, a project of a great nation. Nationalist to the extreme, Lobato thinks of motivating Brazilian authorities to also think in the projection of a great Brazil, rich, and economically and culturally independent. Most of his attempts were unsuccessful because they bumped into the different interests of a minority always profited at the expenses of people's poverty and ignorance. His ideals, most of the time frustrated, will be forever within his work. The author reproduces in his books his pragmatic spirit and the dream of one day to seeing his beloved country developed and as rich as the United States. Therefore, in some of his works he established an exchange between the model country and the Sítio de D. Benta, so that inside of the República dos Picapauzinhos, the modernity grows having the prototype of Brazil prospering as much as the model followed. Lobato thus proves that it is possible for an essentially agricultural country, as Brazil was at his time, to grow and be economically strong as a first world country as the innovations proposed by him began in the countryside, more specifically in a Ranch.

KEYWORDS: Modern; Economic development; Prototype of Brazil.

¹Acadêmica de Letras - UNIPAR/Cascavel - michelejimenez17@hotmail.com

²Doutor em Literatura pela UEL, professor da UFTPR em Campo Mourão - menon@terra.com.br

INTRODUÇÃO

“A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”.

(Antonio Candido)

Monteiro Lobato, um homem à frente de seu tempo, projeta em dois de seus livros, *A Reforma da Natureza* (1941) e *A Chave do Tamanho* (1942), um protótipo de Brasil moderno e desenvolvido economicamente, que obtivesse destaque internacional. Nesses dois livros, principalmente, o sítio se torna uma metáfora de Brasil livre e democrata, marcadamente influenciado pelo modelo norte-americano.

As décadas de 30 e 40 foram um período conturbado para a humanidade. Nelas está inserida a 2ª Grande Guerra Mundial, que trouxe à tona um dos maiores flagelos que a humanidade foi capaz de criar: a bomba atômica. O Brasil também participou do conflito, além de estar vivenciando o Estado Novo, com o governo de Getúlio Vargas (1937-1945). A ditadura assola um país que almeja desenvolver-se e galgar a posição de país desenvolvido e independente economicamente, mas está preso a um governo intransigente e muitas vezes retrógrado, principalmente quando a questão é petróleo.

É em 1941 e em 1942, que Monteiro Lobato lança *A Reforma da Natureza* e *A Chave do Tamanho*, respectivamente. O espírito de Lobato, sempre voltado ao desenvolvimento e à modernidade, vem desde 1931 sendo influenciado pelos quatro anos que morou nos Estados Unidos, quando atuou como adido comercial brasileiro, o que se evidencia nessas duas obras. Em contraponto a este entusiasmo, temos um Lobato por intermédio de seu alter-ego, Emília, sem papas-na-língua, capaz de criticar o Estado Novo, que o manteve preso por quatro meses em 1941. Essas obras são uma miscelânea destes dois Lobatos: o entusiasta e o crítico.

Lobato, um homem à frente de seu tempo e voltado para os problemas de sua época, apesar de valorizar o aspecto pedagógico de sua obra, nunca se esqueceu do lado político, embora escrevesse para crianças. A partir da década de 30, a obra desse escritor toma uma maior conotação política, como frisa Lajolo (2000, p. 61): “Particularmente nas obras produzidas nos anos 30, o sítio se transforma numa grande escola, onde os leitores aprendem desde gramática e aritmética até geologia e o bê-á-bá de uma política nacionalista de petróleo.”.

O escritor paulista reproduz em suas histórias

o mundo/Brasil como ele gostaria que fosse. Dessa forma, o sítio deixa de ser um simples cenário ou ambiente narrativo, mas torna-se a representação de uma nova sociedade brasileira ou, até mesmo, de um novo mundo: “Assim sendo, o sítio não é apenas o cenário onde a ação pode transcorrer. Ele representa igualmente uma concepção a respeito de mundo e da sociedade (...) e uma aspiração política envolvendo o Brasil – e não apenas a reprodução da sociedade rural brasileira. (...)” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, p.56).

A REFORMA DA NATUREZA E A CHAVE DO TAMANHO: UM PROTÓTIPO DE BRASIL

Em *A Reforma da Natureza* e *A Chave do Tamanho*, o sítio se transforma em protótipo de Brasil, porém não em um Brasil rural, censurado pela ditadura, mas sim um Brasil democrata e modernizado, preparado para acompanhar as mudanças mundiais. Temos nessas obras, respectivamente, um ideal de democracia e um ideal de modernidade baseado no desenvolvimento tecnológico. As duas obras nos apresentam a forte influência e fascínio que Lobato possuía por seu país modelo, os Estados Unidos. É baseado nesse país que o escritor propõe a modernização do Brasil, pois vê nos Estados Unidos um projeto de uma grande nação, um padrão a ser imitado pelos brasileiros.

Diferentemente do Brasil, a República dos Picapauzinhos é reconhecida internacionalmente como um verdadeiro modelo de democracia e “nação”. Esta pequena nação, como nos diz Lobato, possui duas autoridades, porém nunca autoritárias: D. Benta e Tia Nastácia, as quais governam os demais habitantes do sítio com humanidade e equidade, além do enorme bom senso da velhice. São a elas que os governantes dos países em guerra recorrem para achar uma solução para a guerra:

- Só conheço – disse ele – duas criaturas em condições de representar a humanidade, porque são as mais humanas do mundo e também são grandes estadistas”. A pequena república que elas governam sempre nadou na maior felicidade (...).

- D. Benta e Tia Nastácia - respondeu o rei Carol – as matronas que governam o Sítio do Picapau Amarelo, lá na América do Sul. Proponho que a Conferência mande buscar as duas maravilhas para que nos ensinem o segredo de bem governar aos povos (LOBATO, 1978, p.90).

O Brasil dos anos 30 e 40 vivia sobre o regime do Estado Novo, e era o ditador populista, Getúlio Vargas que comandava o país com mãos de ferro. O ditador aboliu o direito de imprensa, desfez o congresso e senado, reprimiu e censurou a

participação popular. Assim, era ele quem decidia os rumos que o Brasil deveria assumir. Em contraposição a esse ditador, Lobato nos apresenta a “democracia em pessoa”, D. Benta, a vovó que comandava o sítio do Picapau Amarelo, a qual não era conservadora, e sim adepta das novas tecnologias que não a escandalizavam, mas a encantavam.

D. Benta é tomada como um grande líder democrata, representante da liberdade, respeitada por todos, inclusive por Emília. A boneca de pano, assim como os demais governados de D. Benta e os representantes da Europa, reconhece em D. Benta uma governanta que não usa da coerção para convencer sobre seu ponto de vista, mas de bons argumentos e toda sua capacidade de persuasão. É dessa maneira que Lobato (1978, p. 91) se refere à D. Benta: “Mas D. Benta, que era a democracia em pessoa, jamais abusou da sua autoridade para oprimir alguém. Todos eram livres no sítio e, justamente por essa razão, nadavam num verdadeiro mar de felicidade.”.

Na ausência de D. Benta e Tia Nastácia, quem entra em cena é a boneca de pano mais querida e endiabrada do Brasil: Emília, também conhecida como o alter-ego de seu criador. Tanto em *A Reforma da Natureza*, quanto em *A Chave do Tamanho*, é a boneca, que evoluiu para “gentinha”, quem comanda as revoluções no sítio (*A Reforma da Natureza*) e até mesmo no mundo (*A Chave do Tamanho*).

São as mãozinhas de Emília que reformam a natureza e diminuem o tamanho das coisas. São elas as responsáveis por retirar as “inutilidades do mundo” e pôr o que acham útil. Mas o que há por trás dessa reforma da natureza? É simplesmente mais uma traquinagem de Emília?

Não. Reformar a natureza é, como diz Emília, reformar o mundo, mais especificamente o Brasil. Para que o Brasil se desenvolvesse, precisava sair do ruralismo arcaico, acompanhar as mudanças pelas quais o mundo passava, ou seja, se reformar. Com *A Reforma da Natureza*, Lobato propõe uma grande revolução no país, uma vez que, sendo ele nacionalista ao extremo, seu maior desejo era que seu país se tornasse tão bom ou até melhor do que qualquer país europeu ou até mesmo seu país modelo. Neste livro, o autor, além de criticar a guerra, utiliza-se da fala de Emília, para criticar também “aqueles países” que não se planejam para o futuro e por isso não evoluem e só cometem erros...

E assim terminou a aventura emiliana de Reforma da Natureza. Emília aprendeu a planejar a fundo qualquer mudança nas coisas, por menor que fosse. Viu que essa de reformar a natureza às tontas, como fazem certos governos, acaba

sempre produzindo mais males do que bem (idem, p.108).

Com Emília no comando, Lobato dá um verdadeiro show de inovações... A mais nova é a diminuição do tamanho das coisas. Assim como Emília retira inutilidades da natureza, ela acaba com o tamanho das coisas, que segundo ela só atrapalha a vida da humanidade e faz com que os homens não evoluam. Além de que, corta os supérfluos, pois: “-Enfeites são inutilidades. Não quero saber de enfeites em minhas reformas. Tudo há de ter uma razão científica. (...)”

Apesar de ser uma criaturinha temperamental, a bonequinha é tão democrata como D. Benta. É totalmente contra imposições, para ela tudo deve ser ali “na batata”, à base do diálogo e do que a maioria decidir. Pela boca de Emília, mais uma vez Lobato ferroa a ditadura e clama pela democracia:

-Acho, Visconde, que não podemos decidir por nós mesmos, num ponto de tanta importância. Não somos ditadores dos tais do quero, posso e mando. Temos de consultar a opinião das gentes e só fazer o que a maioria quiser. Temos de dar uma volta pelo menos pela Europa e os Estados Unidos. Como decidirmos qualquer coisa sem conhecermos o estado real da humanidade? (LOBATO, 1978, p.63).

Agora a nova ordem mundial é a da adaptação. Assim como nos primórdios da humanidade, os novos homenzinhos devem adaptar-se e desenvolver-se no mundo sem tamanho. Para isso eles devem criar novas formas de viver: domesticar insetos, moradias, e procurarem outro tipo de alimentação... Como não existe mais o tamanho, que, segundo Emília, era o que causava as desigualdades sociais, os novos homenzinhos devem se reformar, encontrar novas saídas para as dificuldades, ou seja, nas próprias palavras de Emília: “-Agora, porém, temos de reformar essas idéias, como também temos de reformar todas as idéias tamanhudas (...) E quem não fizer assim está perdido.” (LOBATO, 1978, p. 27).

Com esse “reformar idéias”, Emília propõe o desenvolvimento tecnológico e no caso específico do Brasil, o desenvolvimento industrial. O Brasil da época de Lobato se encontrava atrasado frente aos países europeus, aos Estados Unidos, e até mesmo aos latinos como a Argentina, já que não acompanhava o rápido crescimento mundial. Desta forma, a fala de Emília “E quem não fizer assim está perdido”, é o próprio Brasil que estava perdido por não se modernizar e estacar no tempo. Lobato não se conformava que um país tão rico como o Brasil estivesse tão atrasado economicamente.

A nova civilização tem início no sítio, aliás, em cima da cômoda de D. Benta. Lá os picapauzinhos, com a ajuda de Visconde, o único ser que não perdeu o tamanho, iniciam uma nova vida, que a princípio assusta, mas que logo depois os encanta: “E desse modo a ordem nova da humanidade sem tamanho foi tendo os seus começos em cima da cômoda de D. Benta.” (1978, p.60). Essa nova civilização é o próprio Brasil “reformado e adaptado” às mudanças sócio-econômicas que o ajudariam a acompanhar os outros países em busca da modernidade.

Antes desse livro, Lobato já havia transformado o sítio em Brasil, em um de seus livros mais críticos, O Poço do Visconde (1937), o qual prova que no Brasil havia petróleo, o que ia contra o governo getulista e os interesses da elite, que teimavam em afirmar que não havia petróleo no país. Nesta obra, fica claro o caráter metafórico do sítio, que nada mais é do que o Brasil idealizado pelo escritor. Sendo Lobato um entusiasta e nacionalista, ele repete o processo, como frisa Lajolo e Zilberman (1999, p. 57): “Em A Chave do Tamanho (...) o sítio significando cada vez mais o mundo, como Lobato gostaria que fosse.”

Porém cabe a outra civilização o avanço tecnológico e a adaptação. É em Pail City, nos EUA, que os homenzinhos empreendem sua inteligência para desenvolver novas formas de viver, afinal, o nome da cidade já diz tudo: “Cidade do Balde”, pois é um balde o novo tipo de moradia que os norte-americanos encontraram para se abrigar das intempéries. Como um admirador convicto dos EUA, Lobato demonstra todo o seu fascínio pelo desenvolvimento que os yankees empreendem em seu país. Uma prova disso é a reação de Emília, perante Pail City: “A vida em Pail City era um encanto (...) Emília encantou-se com o parque de Pail City, um verdadeiro mimo de plantinhas graciosas (...)” (LOBATO, 1978, p. 79).

Como na vida real, quando esteve nos EUA e foi adido comercial brasileiro, o escritor nos propõe um intercâmbio entre Brasil – cômoda de D. Benta, e EUA – Pail city. Já que a civilização se inicia no Brasil e a modernização nos EUA, por que não aproximar esses dois países? Dessa maneira, o Brasil poderia alcançar a modernidade que já se instalava no país modelo, fundando uma nova cidade, mas bem brasileira: “A história de Pail City encantou Pedrinho, o qual insistiu em descer da cômoda para imediatamente fundar no jardim uma cidade como aquela – a Cidade do Regador (...)” (LOBATO, 1978, p. 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todavia, com o passar dos anos, o entusiasta dá lugar ao desiludido. Lobato começa compreender que os EUA usam e abusam de seu poder contra as nações menos desenvolvidas, caso do Brasil. Ele assume uma visão crítica sobre a influência dos EUA no mundo e, sobretudo no Brasil, como disse em uma de suas cartas “Os americanos fazem a maior das guerras ao fascismo na Europa e dão todo o apoio moral e material aqui.” Depois de tantos ideais frustrados, o autor de Urupês, em seus últimos anos torna-se amargo em relação ao Brasil e ao sistema capitalista. Afinal, foram tantos projetos, tantos sonhos que emperraram em um governo totalitário e conservador...

Quando se procuram os ideais de Brasil na obra infantil de Monteiro Lobato, vê-se que, por detrás do enredo criativo e cheio de fantasias, esconde-se, na verdade, uma ideologia, ou, mais precisamente, um ideal de alguém que, acima de tudo, soube amar a terra onde nasceu, e como bom cidadão, esforçou-se para torná-la um lugar em que as distâncias sociais, internacionais e nacionais fossem minimizadas e dentro das quais as pessoas pudessem ser livres e prosperar democraticamente.

Antes de tudo, Lobato soube fundir primorosamente, em sua obra, os aspectos pedagógicos e políticos, para que a educação fosse um todo indissolúvel. Não ensinar apenas a ler e escrever, mas a se posicionar criticamente frente às inúmeras desigualdades sociais. Em seus livros procurou sobremaneira educar e conscientizar, pois: “Educar é transmitir idéias, conhecimentos que através de uma prática, podem transformar ou conservar a realidade” (FARIA, 2005, p. 11). Com toda a certeza, Lobato lutou para transformar a realidade, para ter um país digno de se amar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo: Summus, 1983.
- AZEVEDO, C. L. et al. **Monteiro Lobato, furacão na Botucúndia**. São Paulo: SENAC, 1997.
- BOSI, A. **História concisa da literatura Brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultix, 1994.
- COUTINHO, A. (Org.). **A literatura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997. v. 4.
- FARIA, A. L. G. de. **Ideologia no livro didático**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato, um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, M.; ZILBERMANN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Círculo do livro, [190-].

_____. **A reforma da natureza**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

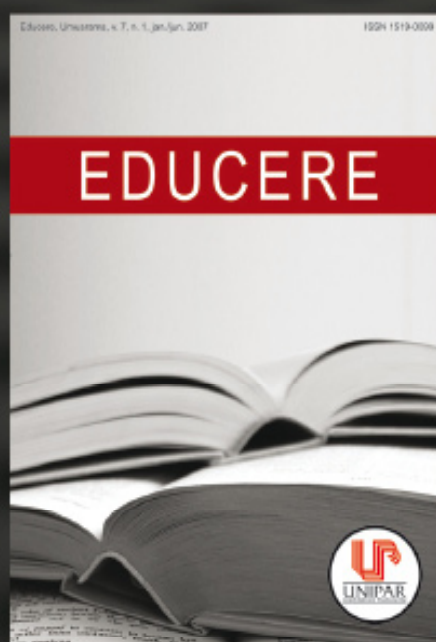
_____. **A chave do tamanho**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

PENTEADO, J. W. **Os filhos de Lobato**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997.

VASCONCELOS, Z. M. C. de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço, 1982.

EDUCERE

Revista de Educação - ISSN 1519-0099



- Publica trabalhos na área da Educação, tais como ensino aprendizagem, políticas e práticas da Educação Básica e Ensino Superior, dentre outras.
- Periodicidade: Semestral
- e-mail: educere@unipar.br
<http://revistas.unipar.br/educere>

O CONHECIMENTO NÃO É NADA SE NÃO FOR COMPARTILHADO

